

Casas de Esposende

POR

Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano

(Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular)

O estudo que aqui nos propomos levar a efeito diz respeito a determinados tipos de casas, que constituem a quase totalidade das construções que encontramos numa grande parte do concelho de Esposende, pelas zonas de Fão, Gandra, Gemezes, Esposende, Marinhas, Abelheira, etc. Região franca e quase exclusivamente rural, estas casas são — ou foram originariamente — próprias de uma classe de lavradores vivendo mais ou menos modesta ou abastadamente das suas terras, que eles próprios amanhã com a ajuda da família. E esta feição primitiva perdura e é patente na existência de amplos quinteiros cobertos, de arrecadação, guarda de carro e alfaias, etc. (1), geralmente situado ao lado da casa principal, com largo portal quadrangular para o caminho — às vezes recoberto por um alpendre saliente, que é o prolongamento do telhado desse quinteiro — e através do qual se passa para entrar em casa. Para esse quin-

(1) É especialmente digna de nota, a este respeito, a arrecadação nesses quinteiros, do sargaço em pilhas. O tipo rural desta região é fundamentalmente o mesmo de toda a zona litoral do Minho: pequena propriedade de exploração directa, a que corresponde um povoamento muito disperso; horticultura e milho (e feijão), pouco vinho, gado vacum, pinheiro e mato, para adubo, que aqui se enriquece com produtos do mar — pilado e sargaço —, cuja apanha constitui uma actividade característica da região.

tsiro dá, conforme a casa é térrea ou de andar, a porta da cozinha ou das outras dependências, a varanda térrea ou a escada de pedra.

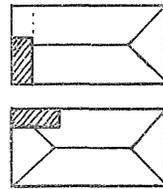
Estes tipos de casas, que procuraremos definir por um conjunto de caracteres externos e internos, deverão, para melhor compreensão do seu significado dentro do fenómeno geral da habitação portuguesa, aproximar-se dos tipos de casas da região da Maia, que no estudo anterior caracterizamos e definimos sob as designações de tipos A, A' e B. Com efeito, se pelas características exteriores — e exceptuando a sua típica chaminé, localizada regularmente num dos topos do edifício (1) — as casas de Esposende não apresentam entre si uma nítida identidade de características, que permita uma definição precisa — tal como acontece com os citados casos da Maia, onde se afirma um estilo perfeitamente certo — e se, por essa razão, a sua semelhança com estas é menos evidente, veremos que, pelo plano da sua divisão e aproveitamento interno, e à parte pequenos pormenores, a semelhança entre as casas das duas regiões é decisiva, impondo a sua aproximação e inclusão dentro da mesma concepção arquitectónica, a qual, por sua vez, dá um sentido mais compreensível aos traços exteriores que atrás apontamos, de semelhança mais confusa e diluída.

A nota característica exterior da generalidade destas casas, que falta apenas nas mais humildes dentre elas, é a sua vasta chaminé, larga e pesada — às vezes enorme —, que se ergue na maioria dos casos sobre a parede de um dos topos do prédio, e, ou vai de lado a lado, ou ocupa apenas metade da largura, até à longitude do cume do telhado, tendo este então três águas;

(1) Quando estas chaminés aparecem a meio, elas pertencem por via de regra a casas que sofreram um acréscimo relativamente à sua primitiva traça, que terminava na altura da chaminé.

noutros casos, menos frequentes, mas também numerosos, ela ergue-se sobre a parede de uma das fachadas maiores da casa, a partir do cumhal, e o telhado é então a quatro águas ⁽¹⁾ (Des. 1, e Est. 1).

Estas chaminés, como estão sempre construídas sobre um cumhal da casa, têm duas faces verticais de granito ⁽²⁾; as outras duas são de tabique forrado a telha-canela, uma vertical e outra inclinada. Na boca larga há duas caleiras com ligeiro pendente, assentes sobre as paredes, para escoamento das águas da chuva, e a sua ponta nota-se nas faces menores da chaminé. Por cima delas está um varão de ferro, onde pousam horizontalmente telhas com espaços entre si, para a saída do fumo; tudo isto é protegido do vento por um rebordo de tijolo ou lascas de xisto. Este género de chaminé ergue-se menos acima do cume do telhado do que outro, em que a boca é protegida por um chapéu de tijolo (Des. 2).



Des. 1

Quando a chaminé ocupa toda a largura da casa, a trave do cume assenta, como é natural, numa tesoura.

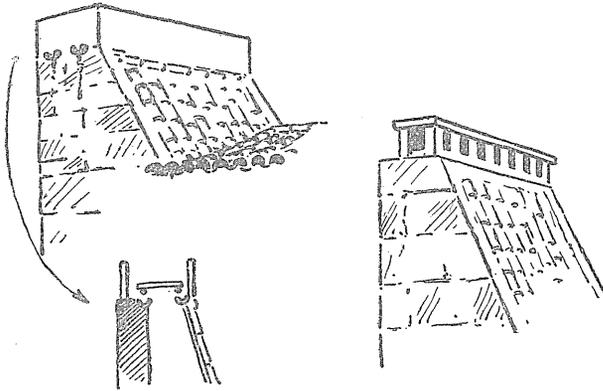
Os demais elementos da construção exterior apresentam-se, de um modo geral, como dissemos, com pouca regularidade, tornando-se por isso difícil definir e fixar constantes locais características; parte das casas formam simples blocos quadrangulares térreos ou com andar, tendo o cume do telhado a meio

(1) Conforme a seguir veremos, muitas destas casas apresentam um telhado de forma mais complexa, com uma ala lateral, que corresponde a uma planta em L; nestes casos, as duas modalidades que mencionamos no texto, no que interessa à localização da chaminé, verificam-se no que respeita ao corpo principal do edifício.

(2) No caso de chaminé de topo, a toda a largura da casa, ela tem mesmo três faces verticais de granito, e a outra, inclinada, de tabique.

da planta do edifício, e as suas duas águas maiores iguais; outras vezes as casas com andar têm um corpo principal da mesma forma das anteriores, mas apresentam uma ala lateral num dos topos, que corresponde a um cubículo, e que origina no telhado um prolongamento a três águas (1).

Este prolongamento do edifício, virado sempre para um lado ou para as traseiras, e correspondendo a um pequeno quarto, é continuado, ao longo da fachada comprida, por uma varanda aberta ou fechada. Tal varanda, que é em geral recoberta pelo



Des. 2

prolongamento assimétrico da água lateral do telhado principal, reconhece-se, quando é fechada, pelo material utilizado — o tabique — que contrasta com a pedra do cubículo, e pelo grande número de janelas que apresenta.

Pelo exposto, vemos que é possível estabelecer uma relação certa entre estas formas externas fundamentais e os elementos que caracterizam a classificação das casas da Maia nos tipos A' e B. Assim, aqui como lá, encontramos o plano em L, com o

(1) Este prolongamento, a que aludimos na nota 4, aproxima estas casas, exteriormente, das casas dos tipos A' e B, da Maia. (Vid. estudo anterior).

telhado competente, característico desses tipos, e a varanda que corresponde ao alpendre das casas da Maia dos tipos A e A'. Aqui, como lá, também as casas não têm porta directa para a rua; a entrada faz-se desta para um quinteiro ou terreiro, onde a casa se situa, com a fachada para a rua, mas sem porta.

É contudo sob o ponto de vista da sua divisão e aproveitamento internos, que, como dissemos e como vamos ver, as semelhanças destas casas com as da região da Maia têm um carácter mais evidente e decisivo.

De entre as casas térreas, as mais simples reduzem-se a sala e cozinha, e têm o telhado a três águas, com a cozinha do lado da empena. Com uma estrutura funcional mais diferenciada, elas apresentam-se com a sala, para a qual dão duas alcovas sem janela e a porta de um estreito e curto corredor, que passa entre elas e faz ligação da sala com a cozinha.

O caso mais vulgar é porém o das casas de andar, com lojas no rés-do-chão aproveitadas para cortes do gado e arrecadações, e por isso delas passamos a ocupar-nos, analisando-as mais detidamente.

O andar, de planta rectangular, tem, como no caso anterior, a sala para onde dão as duas alcovas, e o corredor a meio, ligando-a à cozinha; aparece ainda como regra, ao longo da parede que corresponde à fachada da entrada, a varanda corrida que acima mencionamos, com o cubículo que a prolonga numa das extremidades — geralmente a do lado da sala — e mais raramente nas duas (1), e que corresponde à ala lateral do telhado também atrás mencionada.

(1) Quando há dois destes cubículos, um deles é, por vezes, dividido a meio, e uma das metades utilizada como retrete.

O telhado da casa é a três ou quatro águas — além da ala lateral — conforme a colocação da chaminé; uma das águas maiores amplia-se de modo a cobrir a varanda e um dos quartos, quando existem dois; por vezes mesmo, em certos casos, não existe a ala lateral do telhado, e essa água assimétrica recobre toda a fachada da casa.

A colocação da escada de acesso ao andar superior, ou, mais concretamente, à varanda, varia conforme a situação geral e forma da casa, e o declive do terreno; o patim, pelo seu turno, fica também indistintamente a meio ou num topo, geralmente do lado da cozinha — existindo neste caso, evidentemente, apenas o quarto da extremidade oposta.

A varanda pode ser aberta ou fechada (1); neste último caso que é muito mais frequente, a parede exterior é quase sempre de tabique, e nela se abrem duas ou três janelas que iluminam e arejam bem a casa. Para esta varanda dão as portas da sala e da cozinha, e as dos quartos situados nas suas extremidades. A parede divisória entre estes quartos e ela é muitas vezes em tabuado, outras em tabique. A parede interior da varanda, a todo o seu comprimento, é sempre de pedra.

O quarto é sensivelmente quadrado, e tem a largura da varanda, de que é o prolongamento; apenas a parede do lado do topo da casa é de pedra, com uma janela ou postigo.

A sala é quadrada, com uma ou duas janelas, e portas para a varanda, corredor central e alcovas. O tecto pode ser direito, mas é com mais frequência de masseira, em madeira,

(1) As varandas abertas parece serem mais frequentes nas freguesias afastadas do mar. Não será já a passagem para as casas de varanda aberta do interior do Minho? Em Gemezes de Cima vimos uma com um ripado de levantar, que quase a transforma num varandão para secar produtos do campo.

não raro duma bela facção, com pinturas ou ornatos entalhados (1).

As alcovas são por vezes muito pequenas, apenas com o espaço para a cama; quando assim sucede, não têm portas, ou estas abrem para a sala. Ouvimos chamar-lhes, em Gemezes de Cima, *camaretas*. Entre elas fica o corredor estreito que conduz à cozinha.

A cozinha, de dimensões sensivelmente iguais às da sala, tem uma ampla chaminé cujo *rodo* cobre todo o *telho do lar* (lareira), feito de lajes de granito (2), e é apoiado num pilar de pedra ou prumo de madeira; muitas vezes atravessa a cozinha de lado a lado. O forno fica também debaixo da chaminé, com a boca virada para a lareira. Atrás, cavada na parede, a *borralheira* para a cinza (*borralheira* tanto é o vazio para a cinza como a pedra que o cobre, e sobre o qual pousam a louça). A *banca* ou *pedra de lavar* tem quase sempre um funil de despejo feito de cimento, ou de pedra nas casas mais antigas. Um *louceiro*, a masseira, mesa e cadeiras, e os *cântaros* da água num nicho da parede, completam o recheio da cozinha.

Nas casas que têm maior número de divisões, vê-se com frequência outra sala entre as alcovas e a cozinha.

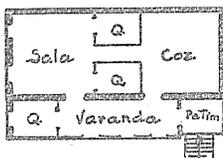
(1) Não só na sua estrutura e decoração são estas salas, com muita frequência, peças dignas de nota pela sua beleza e estilo; o seu mobiliário, que se repete com muita regularidade, acentua a uniformidade desse estilo, e o seu carácter local. Assim, em todas elas se encontra um relógio alto, de parede, de mostrador ornamentado, uma ampla cómoda, geralmente de vinhático, um santuário com talha, uma arca, etc. Este mobiliário, de resto, contrasta com a modéstia dos móveis das demais divisões da casa.

(2) Quando o terreno é inclinado, a cozinha fica geralmente no lado mais elevado, e as lajes do lar estão assentes no chão. Quando a cozinha é alta assentam sobre o entulho dum espaço roubado às lojas.

As lojas do rés-do-chão nada apresentam de particular; nelas estão instaladas as cortes do gado, arrecadações, por vezes o lagar, etc.

Exemplos

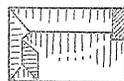
a — Casa de rés-do-chão e andar, com a planta mais vulgar: sala, alcovas, e corredor entre estas para a cozinha. Varanda fechada com quarto numa das extremidades. Telhado de águas assimétricas com ala lateral a 3 águas cobrindo o quarto.



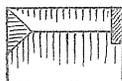
Des. 3

(Está agora modificada, mas reconstitui-se com facilidade a planta original). — Gemezes.

b — Planta semelhante à anterior; também o telhado é igual. Varanda aberta, com cubículos em ambas as extremidades. Outra colocação da escada. — Barca do Lago.



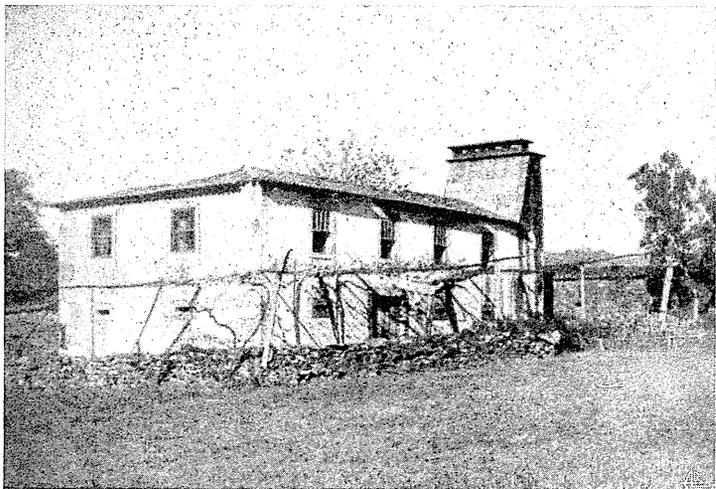
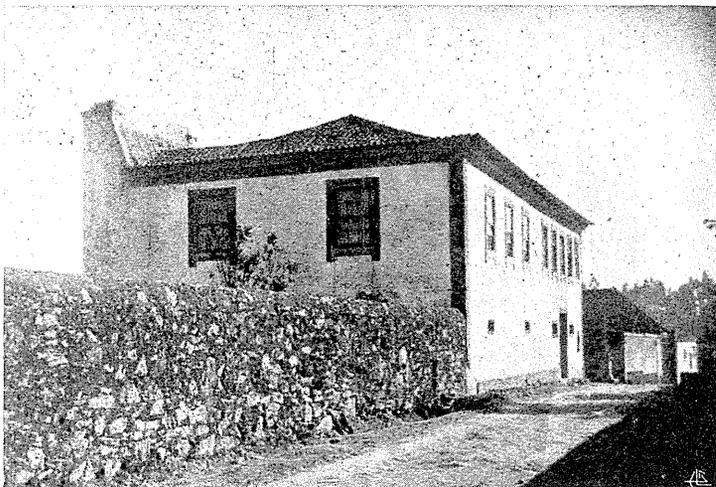
Des. 4



Des. 5

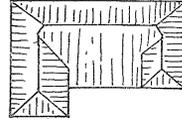
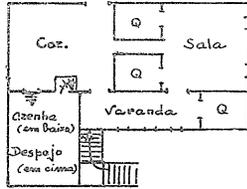
c — Planta idêntica, apenas com um cubículo na varanda, que é aberta.

Telhado de águas maiores assimétricas, sem ala lateral, cobrindo o quarto. — Barca do Lago.



Gemezes — Casas com as características chaminés

d — Divisão interior idêntica. Varanda fechada, com escada de dois lanços. Telhado com duas alas laterais a três águas, cobrindo, uma o quarto, e a outra, maior, um corpo ocupado em baixo por uma azenha, e em cima por um «despejo». (Marinhas, Abelheira). (Este tipo de telhado é raro).



Des.



Des. 7

e — Esta casa apresenta como que a duplicação da planta usual Cozinha no rés-do-chão, com escada de acesso ao andar (agora entaipada) passando entre as alcovas.

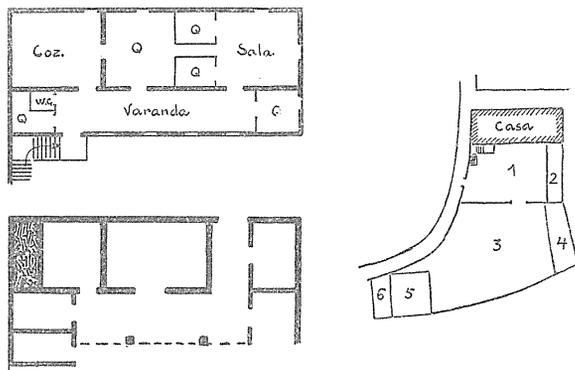
(O edifício foi ampliado, mas mantém bem conservada esta parte primitiva). — Gemezes.

f — Edificação sólida datada de 1871 (?), mantendo quase a construção original. Tectos de madeira em castanho natural, com ornatos entalhados.

Cozinha com enorme rodo de granito. As lajes do lar apoiam-se num maciço de entulho que rouba o seu espaço a uma corte que fica por baixo.

Varanda excepcionalmente larga, com parede exterior de granito de construção posterior (a regra é esta parede ser de tabique).

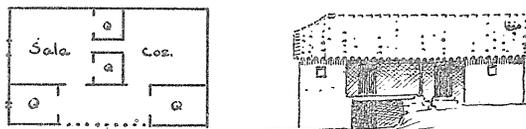
Também contra o costume, o portal abre-se na própria casa, e não directamente para o quinteiro. — Gemezes. (Est. I, em baixo)



Des. 8

- 1 — *Quinteiro*; 2 — *Loja do vinho*; 3 — *Terreiro* (para lenhas, etc.);
 4 — *Coberto de esfolhar* (abriga o velho lagar de vara); 5 — *Eira*;
 6 — *Coberto da eira*.

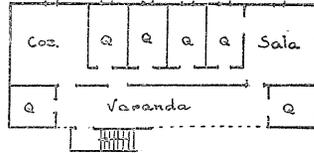
g — É muito semelhante a uma casa de tipo A, da Maia, com lojas aproveitando o desnível do terreno. Alcovas pequenas



Des. 9

(2^m × 1,60). Paredes dos cubículos para a varanda em tabuado.
 — Gemezes.

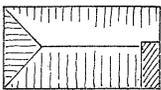
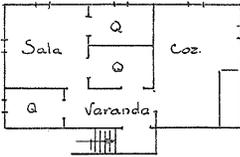
h — Divisão interior diferente e relativamente rara. O corredor passa junto à parede da varanda, e é para ele que abrem os quartos. Telhado a três águas, uma das maiores prolongada, cobrindo os quartos e a varanda. Esta é aberta, mas com ripados de baixar, como nos varandões do Minho.



Des. 10

(A casa, dividida agora entre dois herdeiros, e acrescentada uma das partes com outra cozinha, é facilmente reconstituível). — Gemezes de Cima.

i — Casa de rés-do-chão e andar relativamente moderna. Telhado a três águas, com o cume ao meio do edifício. A varanda está reduzida a um compartimento comprido, inteiramente englobado no corpo da casa. Não são muito frequentes, e parecem ser mais modernas. — Gandra.



Des. 11

*

* *

Vemos assim que, com efeito, a concepção da planta da divisão interior destas casas, é, à parte pequenas diferenças de detalhe que não afectam a estrutura fundamental do edifício nem os seus elementos característicos, rigorosamente idêntica à das casas da Maia, dos tipos A, A' e B atrás referidos; numas e noutras notamos a existência de duas alcovas abrindo para a sala, e entre elas, o estreito corredor que liga esta à cozinha. Aqui, em muitas casas, como lá, aparece o quarto ao lado da sala, que corresponde a

um corpo de edifício destacado do bloco quadrangular principal, implicando a ala independente do telhado.

Como diferenças de detalhe, que se articulam na concepção comum, podemos notar que o alpendre das casas de tipo A e A' foi aqui substituído pela varanda, aberta ou fechada; a cozinha na quase totalidade das casas com andar, deixou de ser no rés-do-chão, ao contrário do que sucede na Maia, onde ela é sempre aí; os quartos da varanda não têm ligação directa com a sala ou cozinha, também ao contrário do que sucede na Maia; e duas das suas paredes são aqui de tábuas ou tabique, enquanto que lá são sempre de pedra.

Apesar disto, porém, o plano interno de aproveitamento é fundamentalmente o mesmo em ambos os casos, e aqui como lá, ele fixa a alcova como elemento definido; a grande característica diferencial está portanto num elemento da construção exterior, que é a chaminé, e na transformação do alpendre em varanda, com a consequente adaptação da escada que a ela conduz.

Falamos já da função social destes tipos de casas. A sua cronologia, tal como acontece com a maioria dos casos da Maia, apoia-se meramente em conjecturas, aqui fundadas no estilo da sala, que parece corresponder a princípios do século XIX.

Contudo, e tal como dissemos a respeito das casas da Maia, dada a área de difusão desta concepção arquitectónica, que não se limita às duas regiões já estudadas, os problemas que lhe dizem respeito têm uma amplitude que transcende os seus limites, e deverão ser considerados em conjunto e na interdependência dos factores que estão na base do seu aparecimento em todas as partes em que ela ocorre.